

A SEMANA – 243*

24 de janeiro de 1897

Anteontem, quando os sinos começaram a tocar a finados, um amigo disse-me: “Um dos dois morreu, o arcebispo ou o papa.” Não foi o papa. Aquele velhinho transparente, com perto de noventa anos às costas, além do governo do mundo católico, continua a enterrar os seus cardeais. Agora mesmo, por telegrama impresso ontem, sabe-se que morreu mais um cardeal, com o qual sobem a cento e dezoito os que se têm ido da vida, enquanto Leão XIII fica à espera da hora que ainda lhe não bateu.¹ Outro amigo meu, que já vira duas vezes o velho pontífice, acaba de escrever-me que o viu ainda uma vez, em dezembro, na cerimônia da imposição do chapéu a alguns novos cardeais. Descreve a forma da cerimônia, cheio de admiração e de fé, – uma fé sincera e singela, flor dos seus jovens anos. Ouvira uma missa ao papa, e, posto enfraquecido pela idade, este lhe pareceu resistir à ação do tempo.²

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXIII, n. 24, p. 1, 24 jan. 1897), SEMMA (p. 411-415) e SEM1953 (v. 3, p. 396-401). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ Telegrama enviado de Roma em 22 de janeiro, e publicado na *Gazeta de Notícias* (ano XXIII, n. 23, p. 1, col. 1, 23 jan. 1897), informa: “Acaba de falecer com a idade de 79 anos o cardeal Bianchi, pró-datário apostólico. Esta morte é vivamente sentida no Vaticano e afeta particularmente o santo padre. Monsenhor Angelo Bianchi tinha sido criado cardeal-bispo em setembro de 1882. O cardeal Angelo Bianchi é agora o 118º cardeal falecido durante o pontificado de Leão XIII.” Leão XIII – Vincenzo Gioacchino Raffaele Luigi Pecci-Prosperi-Buzzi (1810-1903) – foi papa de 1878 a 1903 e escreveu a encíclica “*Rerum Novarum*: sobre a condição dos operários” (1891). (*Carta encíclica Rerum Novarum*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html>)

² Magalhães de Azeredo, então servidor do Brasil no Vaticano, enviou a Machado uma carta de Roma, datada de 9 de dezembro de 1896, em que diz: “Há poucos dias vi de novo o Papa em toda a pompa de um Consistório público, na sala régia do Vaticano. Precediam-no os cardeais, com as murças de arminho e os longos mantos de seda; depois, na *sedia gestatoria*, com pluvial e mitra cintilante, protegido pelos *flabelli* de plumas brancas, rodeado pelos belos guardas-nobres, pelos gentis-homens de capa e espada e pelos vários prelados familiares, vinha Leão XIII, abençoando a multidão que enchia a vasta quadra e o aclamava em delírio. Fez-se a ‘imposição do chapéu’ aos novos cardeais, segundo o cerimonial antigo, muito curioso. Estava presente o jovem rei da Sérvia [Alexandre I (1876-1903), que ascendeu ao trono em 1893, aos 17 anos] na tribuna dos soberanos; e nas suas tribunas respectivas assistiam o corpo diplomático e a aristocracia romana. Esse conjunto, entre os grandes quadros a fresco pintados por Mestres no teto e nas paredes era de um efeito magnífico.” (ASSIS, 2011, t. III, p. 192) Magalhães de Azeredo (1872-1963) dedicou dois poemas ao pontífice: o primeiro – “A Leão XIII, poeta latino” (1904,

Não sucedeu o mesmo ao digno arcebispo do Rio de Janeiro. Posto que muito mais moço, foi mais depressa tocado pela hora da morte. D. João era um lutador;³ as folhas do dia lembram ou nomeiam os livros e opúsculos que escreveu, não contando o trabalho de jornalista, obra que desaparece todos os dias com o sol, para recomeçar com o mesmo sol, e não deixar nada na memória dos homens, a não ser o vago sulco de um nome, que se apaga (para os melhores) com a segunda geração. Este homem, nado em Barcelona, filho de um belga e de uma senhora espanhola, – creio que era espanhola, – estava longe de crer que acabaria na sede arquiiepiscopal de uma grande capital da América. Tais são os destinos, tais os ventos que levam a vela de cada um, – ou para a navegação costeira e obscura, ou para a descoberta remota e gloriosa.

Era um lutador. Eu confesso que a primeira e mais viva impressão episcopal que tenho não é de homem de combate, talvez porque a hora não era de combate. A impressão que me ficou mais funda foi a daquele D. Manuel do Monte Rodrigues, conde de Irajá.⁴ A boca cheia de riso, como frei Luís de Sousa refere de S. Bartolomeu dos Mártires,⁵ os olhos pequenos, com a pouca luz restante, coados pelos vidros grossos dos óculos de ouro, a benção pronta, a mão já trêmula, o corpo já curvado, descia da sege episcopal, todo vestido de paz e sossego. Uma figura daquelas, na imaginação da criança, facilmente se liga à ideia da imortalidade. Um dia, porém, D. Manuel morreu. A terra, credor que não perdoa, e apenas reformará algumas letras, veio pedir-lhe a

p. 47-53) – quando o papa ainda vivia; o segundo – “Ao pontífice morto” (1904, p. 57-58) – por ocasião de seu falecimento. Lê-se no poema “A Leão XIII”: “Viram-te já meus olhos, em dia de grave beleza, / passar, quase divino, sobre ajoelhadas turbas; / [...]” Magalhães de Azeredo publicou na *Gazeta de Notícias* (ano XXIII, n. 47, p. 2, col. 3, 16 fev. 1897) matéria – uma espécie de nota biobibliográfica – intitulada “Uma ode de Leão XIII”, com uma tradução sua da ode intitulada “Viva Cristo que ama os francos”.

³ João Fernando Santiago Esberard (Barcelona, 10 out. 1843 – Rio de Janeiro, 22 jan. 1897) era bispo católico hispano-brasileiro, e foi o primeiro arcebispo do Rio de Janeiro. A *Gazeta de Notícias* (ano XXIII, n. 23, p. 1, col. 4-5, 23 jan. 1897) publicou um retrato do religioso e uma matéria sobre o seu falecimento (ver o retrato ao final desta crônica).

⁴ D. Manuel do Monte Rodrigues (1798-1863) foi bispo do Rio de Janeiro entre 1840 e 1863.

⁵ A expressão “a boca cheia de riso” vem em frei Luís de Sousa (1555-1632), 1619, fôlio 94, frente, coluna 2. Ele e frei Bartolomeu dos Mártires (1514-1590) eram religiosos e teólogos portugueses. John Gledson em “A Semana – 163”, nota 4 (*Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 8, p. 167-172, jul.-dez. 2021), anotou: “As três palavrinhas, ‘vaca e riso’, escondem uma história curiosa, e, em alguns aspectos, ainda enigmática. Começa (ao que parece), na *Vida de dom frei Bartolomeu dos Mártires*, de Frei Luís de Sousa (a primeira edição é de 1619), onde a expressão aparece no vol. 1, cap. 22. Conta-se que frei Bartolomeu, que era arcebispo em Braga, foi visitado pelo provincial de sua ordem (a de São Domingos), em companhia do bispo de São Tomé. O motivo dessa visita era verificar se eram corretos os boatos que corriam, de que frei Bartolomeu vivia muito miseravelmente. Diz frei Luís de Sousa: ‘À parcimônia chamavam escasseza; à ordem e registro e moderação do gasto, mera miséria; ao trabalho contínuo e santo, vileza e desautoridade; à humildade, baixeza e ânimo apoucado.’ Os visitantes não confirmaram as suspeitas. Eis o parágrafo que trata da mesa: ‘Esperou a família toda que houvesse extremos no gasalhado de tais hóspedes, e houve todos os que se podiam desejar de amor e boa sombra, mas a mesa não saiu dos limites ordinários, vaca e riso (como dizia um velho honrado do bom tempo). Só um pouco de carneiro se acrescentou por festa, e, este, em uma só figura, quero dizer assado.’ (p. 130, v. I, na edição Sá da Costa, de 1946)”

restituição do empréstimo. D. Manuel entregou-lho, aumentado dos juros de uma vida de virtudes e trabalhos.

Veio o moço D. Pedro,⁶ e com pouco soou a hora de combate, que foi longa e ruidosa. A parte dele não foi grande na luta; pelo menos, não teve igual eco aos outros. Nem por isso a imagem do primeiro bispo me ficou apagada pela do segundo, apesar do auxílio do tempo em favor de D. Pedro.

Não era a mansidão que conservava o relevo daquele. Nenhum lutador mais impetuoso, mais tenaz e mais capaz que D. Vital, bispo de Olinda,⁷ e a impressão que este me deixou foi extraordinária. Vi-o uma só vez, à porta do tribunal, no dia em que ele e o bispo do Pará tiveram de responder no processo de desobediência.⁸

A figura do frade, com aquela barba cerrada e negra, os olhos vastos e plácidos, cara cheia, moça e bela, desceu da sege, não como o velho D. Manuel, mas com um grande ar de desdém e superioridade, alguma coisa que o faria contar como nada tudo o que se ia passar perante os homens. Sabe-se que morreu na Europa, creio que na Itália.⁹ Há quem acredite que voluntariamente não tornaria à cadeira de Pernambuco. Ao seu companheiro de então, o bispo do Pará, tive ocasião de vê-lo ainda, numa sala, familiar e grave, atraente e circunspecto, mas já sem aquele clangor das trombetas de guerra; a campanha acabara, a tolerância recuperara os seus direitos.

Também a luta para o arcebispo D. João não era a mesma; não havia a crise dos primeiros tempos em que se distinguiu. Era a luta de todos os dias, que a imprensa católica naturalmente mantém contra princípios e institutos que lhe são adversos, sem por isso concitar os fiéis à desobediência e à destruição. Leão XIII¹⁰ é o modelo dessa defesa do dogma sem a agitação da guerra, tolerando o que uns chamam calamidade dos tempos, outros conquistas do espírito civil, mas que, sendo fatos estabelecidos, não há modo visível de os desterrar deste mundo. Quem esperará que a igreja reconheça nenhum outro matrimônio, além do católico? Mas quem quererá que recuse a benção aos que se casam civilmente?¹¹ Não é só o imposto que se dá a César, ou não é só o

⁶ D. Pedro Maria de Lacerda (1830-1890) era religioso, e foi bispo do Rio de Janeiro (1868-1890).

⁷ D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira (1844-1878) era bispo de Olinda. Esteve envolvido na “questão religiosa” – ver nota 8.

⁸ D. Antônio de Macedo Costa (1830-1891), bispo do Pará. Os dois bispos foram figuras centrais na “questão religiosa”, como ficou conhecido o conflito ocorrido no Brasil, na década de 1870, envolvendo a Igreja Católica e a Maçonaria.

⁹ D. Vital morreu em Paris.

¹⁰ Leão XIII] Leão XII – em GN (em fim de linha). Seguimos a lição de Aurélio, que já vinha em Mário de Alencar.

¹¹ Alceste Pinheiro (2009, p. 4), sobre d. João Esberard, afirmou: “Foi bispo de Olinda, de 1891 a 1893, quando foi designado para o Rio de Janeiro, elevado então a arquidiocese. Essa escolha provocou uma crise na Igreja e nas relações entre a instituição e o Estado, por causa de sua conhecida atuação em *O Apóstolo*, considerada radicalmente ultramontana e antirrepublicana.” *O Apóstolo* era publicação católica que fazia oposição ao casamento civil. Tais foram as lutas de d. Esberard.

imposto em dinheiro; é também a obediência às suas leis. A Igreja protestará, mas viverá.

Este ponto prende com outro bispo, o do Rio Grande, que pregou agora em uma igreja de Santa Maria da Boca do Monte contra o casamento civil e contra os que se não confessam.¹² Diz uma carta aqui publicada que foi tão violento em sua linguagem que o povo que enchia a igreja veio esperá-lo à porta e fez-lhe uma demonstração de desgosto. O correspondente chama-lhe – “*charivari* medonho.”¹³ Eu posso não entender bem nem mal a violência do bispo; mas o que ainda menos entendo é a dos fiéis. Que foram então os fiéis fazer ao templo onde pregava o bispo? Foram lá, porque são fiéis, porque estão na mesma comunhão de sentimentos religiosos. Se a tolerância lhes parecia conveniente, e a brandura necessária, era caso de discordar do bispo e até lastimá-lo, mas pateá-lo? Que fariam então os mais terríveis inimigos do *Credo*? Porque a pateada, “o *charivari* medonho” é a *ultima ratio*¹⁴ do desgosto. Alguns, considerando o bastão, pensarão que aquela é só penúltima. Mas nem uma nem outra razão é própria de católicos. Salvo se os fiéis que ouviam o bispo eram meros passeantes que entraram na igreja como em um parque aberto, para descansar a vista e os pés. Pode deduzir-se isto,¹⁵ em desespero de causa; mas, francamente¹⁶ não sei que pense. Folguemos em crer que o arcebispo agora morto não daria azo a tal explosão, não só por si, mas ainda pelo respeito em que o tinham.



¹² O bispo do Rio Grande do Sul, entre 1890 e 1910 foi d. Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão (1841-1924); em 1910 tornou-se o primeiro arcebispo de Porto Alegre. Santa Maria da Boca do Monte é a atual cidade de Santa Maria (RS). A legislação republicana sobre o casamento civil no Brasil – decreto n. 181 de 24 de janeiro de 1890 – foi longamente debatida, juntamente com temas sobre a modernização do Estado nos anos subsequentes à Proclamação da República (1889).

¹³ “*charivari* medonho.”] “*charivari* medonho”. – em SEM1953 (nesta e na ocorrência seguinte).

¹⁴ *ultima ratio*: “último recurso”, “última razão”. [Trad. nossa]

¹⁵ isto,] isto – em SEM1953.

¹⁶ francamente] francamente, – em SEM1953.



FONTE: *Gazeta de Notícias*, ano XXIII, n. 23, p. 1, 23 jan. 1897.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 24, p. 1, 24 jan. 1897. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=15651>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis*. Coordenação e orientação Sergio Paulo Rouanet; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011. t. III, 1890-1900.

ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas*. Organização, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. A Semana. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Odes e elegias*. Roma: Tipografia Centenari, 1904.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PINHEIRO, Alceste. O Apóstolo, ano I: a autocompreensão de um jornal católico do século XIX. In: *XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 2009, Rio de Janeiro. Comunicação, Educação e Cultura na Era Digital*. São Paulo: Intercom, 2009.

SOUSA, Luís de (1555-1632). *Vida de Dom Frei Bertolameu dos Martyres da Ordem dos Pregadores Arcebispo e Senhor de Braga Primas das Espanhas*. Portugal: (Villa de Viana) Nicolau Carvalho, Impressor de Sua Majestade, 1619.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.